



SEMANARIO HUMORISTICO, THEATRAL E CHARADISTICO

PROPRIETARIOS E DIRECTORES

Redactor principal - ARNALDO RIBEIRO (La Dorna)

Carlos Lopes (Selpo) e Arthur Arriegas (Rei Sagara)

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Provincia — Trimestre	150
Lisboa — Mez	50
Avulso — 10 réis	

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. da Mãe d'Agua, 27 r/c. (A Santa Barbara)

IMPRENSA LUCAS

R. DO DIARIO DE NOTICIAS, 93

Editor — CANDIDO CHAVES

Annuncios

PREÇOS CONVENCIONAES

O NOSSO BRINDE

Foi recebido optimamente o numero especial que offerecemos como brinde aos nossos assignantes.

O distribuidor ao entrar nas tabacarias era assaltado pelos compradores avulso, que anciosamente esperavam a sua chegada.

Os dig.<sup>mas</sup> proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado, compraram dois mil exemplares d'este original numero para offerecerem aos seus freguezes.

Estamos deveras gratos a estes senhores, assim como a todo o publico que na tem dispensado o seu valioso auxilio, para que o *Casmurro* possa vir a ser um dos primeiros periodicos da capital.

AUGUSTO DE MELLO

Se a memoria não nos falha, nasceu Augusto de Mello em Lisboa no anno de 1853.

Primo do actor Valle, foi este que o admittiu no Gymnasio onde se estreou na comedia em um acto, *As informações*.

Entrou depois para D. Maria, onde fez diversos papeis salientando-se na *Prinzeza de Jorge*, n'um papel de creado, agradando tambem bastante nos dramas *Helena*, de Pinheiro Chagas e *Condessa do Freixial*, de Rangel de Lima

Percorreu toda a provincia, fazendo parte da companhia dirigida por Emilia Adelaide, e, voltando depois a Lisboa, foi escripturado no theatro da Rua dos Condes onde representou sempre com muito agrado, e se evidenciou na comedia, *Condessa Heloisa*, de Gervasio Lobo.

Augusto de Mello tem percorrido todos os theatros de Lisboa, progredindo sempre, de maneira a todos o considerarem hoje um dos nossos primeiros actores e tambem um dos mais preeminentes *diseurs*.

Como ensaiador, tem exercido este cargo em diferentes theatros de Lisboa e Porto, sendo inquestionavelmente um dos primeiros. Basta ter sido discipulo do grande mestre Santos, cujas lições seguiu fielmente.

Tem dado excellentes provas da sua illustração e talento como jornalista e actor, e actualmente no desempenho de



cargo de ensaiador no theatro de D. Maria.

Ahi ficam esses singelos apontamentos. Depois do que eminentes escriptores tem dito de Augusto de Mello, a nossa humilde penna não pôde traduzir melhor, como desejavamos, a grande admiração e respeitosa estima que temos por este notavel artista, e todo o louvor que merecem os relevantes serviços que ha prestado ao theatro portuguez.

Não dizemos mais, porque não sabemos.

D. Ramoés.



NÃO ME PARECE...

Um afamado canteiro,  
Qu'rendo um jazigo vender,  
Diz ao freguez com presteza:  
— P'ra morar n'esta belleza  
Até dá gosto morrer!

Rei Sagara.

CONJUGAÇÃO

Juntos estavam  
D'um parreiral  
A Mariquinhas  
Com o Amarel.

E á sua bella,  
Ao seu amor,  
Elle dizia  
Com grande ardor:

— Eu te idolatro  
Meu doce bem,  
Tu me assassinas  
Com teu deasdem!

Dá-me pois vida  
Com teu olhar,  
E conjuguemos  
O verbo amar!

Mas Mariquinhas  
Responde então  
Ao Amarel:  
— Não, isso não!

Pois que sómente  
Te hei-de adorar,  
Se conjugarmos  
O de casar!

Arigh.

COISAS RARAS

- Um francez ser franco.
- Um moço de fretos cheirar a pó d'arroz.
- Tres mulheres estarem esladas tres minutos.
- Um amigo verdadeiro.
- Os carros electricos pararem nas paragens.



SONETO

Eu tenho immenso dó dos pobresinhos  
Que pelas ruas andam mendigando,  
De tantos infelizes que arrostando  
Vão, da sorte, os cruceis golpes e espinhos:

Mas, não só esses tristes, que esmolando  
Se encontram pela beira dos caminhos  
Merecem nos: amor, nossos carinhos,  
Que a gente a sus dôr vá minorando!

Outros ha tambem tão desgraçados,  
Que lutam co'a miseria e com a morte,  
Sem um só queixume, sem um gemido...

E' d'esses pobres pois, envergonhados  
Que choram em segredo a sua sorte  
De muita compaixão estou possuido!

La Dorna.

## CHRONICA ALEGRE

Lisboa está deserta! podemos affirmar-o ás gentes, sem receio algum de laborarmos em erro; e, se não fôra por certo, a curtos intervallos, a sua monotonia ser cortada pela exhibição sinistra d'um crime emoinante, por um roubo audacioso e tragico, por um incendio pavoroso, e outras scenas picarescas, que prendem sempre a attenção popular, dir-se-hia que nos encontravamos no remanso da mais recôndita aldeia!

Nos grandes centros de *cavaqueira politica*, como a Havaneza, Suissa, Arcada, etc., é que mais se accentua essa ausencia, motivada por uma grande debandada... despejando comboios successivos os seus *habitués* por esses campos, the-mas e praias onde estão verneando, a tonificar-se do ambiente viciado da capital.

N'esta quadra estival, que está prestes a entregar a alma ao Creador, em que as scenas dos bastidores têm um interregno approximadamente de quatro mezes, se não fôra tambem a reabertura das côrtes nos celebres paços de S. Bento, onde os *debates* tomam um aspecto de mordacidade e calor, os muros nas bancadas, eccôam com esre-pito, e os estridentes apoiados e não apoiados a feryilham, teriamos a lamentar a falta d'esses episodios espectaculosos e mirabolantes, como *farças* em proscenios de feira, onde os alfincans podeseem recrear o espirito, tão propenso á *pagodeira*... de bôrla!...

Blond.



Uma joven aldeã corria atraz d'uma burra e um fidalgo que passava achando-a bonita perguntou-lhe d'onde ella era.

— De Caneças, respondeu a rapariga.

— Então deves conhecer a filha da Tibureia e podes levar-lhe este beijo da minha parte.

E ao mesmo tempo quiz beijal-a, mas a aldeã oppondo-se a isso disse-lhe:

— Senhor, se vosmecece tem muita pressa, d' o beijo na minha burra que chegará primeiro.



## Carta de Abrantes

Inlustrissimo Senhor Redattore

Eu nunca quis isquerbeer para os perolicos aindas que caiva, mais qalguns que par lá esqerbintão todos os dias que deus, por elles, ten a desgraça de dêtar a este mundo.

A's vezes au vêrle a furia com qe qerem ser letratos alembranme o capado do mé e npadre que se satrevia com as caibres que lá pareciam.

Aqim istam os letratos que por lá andão pela ccedada, tal cal ca letratura, comú capado nas caibras.

E ninguem les tira a tema. Sam como o burro do saquirstão que cando nan cuer andar méte a caveça entre as pernas e rás... atira com o prove diabo pró xarco, como quem vai de caminho.

Eles san dia mesma raça. Sam primos, pla sarta. Ora pois. Eu qero contarte um conto muito en-garçado paçado cá no sito. mas por oje pra maçada já chega e o resto, se for agora bem arrecevado, irá pôr nubro de ôdipos.

Cá ceitar, muito agradece o que le desaja saude e pintus por muntos anus e bôss.

Sê Amigo au sê Eispôro  
Zé Valpa.

## ERRATA

Na biographia do actor Mattos inser-ta no nosso numero 18, onde se lê contestavelmente, deve ler-se incontestavelmente.

Agradeçam aos nossos compositores e revisores.

Um jornalco qualquer aproveitou esta gralha para fazer charope cá do meco, quando lá por casa ha d'estas e muito peiores.

Quem tem telhados de vidro...

## FADINHOS

NOTE

Como a barquinha perdida  
Que sobre as ondas ficou,  
N'este mar morto da vida  
Meu coração naufragou!

Umbelino.

GLOSAS

Quiz-te muito óh, minha amada,  
Por ti a vida daria!  
Mas já esqueceste, Maria,  
Uma jura tão sagrada!  
Ao meu amor, e em seguida  
Essa jura foi trahida,  
Desprezaste o teu amante;  
Sem teu amor ando errante,  
Como a barquinha perdida!

Ah! meu pobre coração,  
Quantas maguas tens passado!  
Tu tens vivido enganado,  
N'uma constante illusão!  
Esse amor, essa paixão,  
Que de ti se apoderou,  
Tanto te martyrisou,  
Porem foste abandonado;  
E s' qual barco naufragado,  
Que sobre as ondas ficou!

Jamais quizeste escutar,  
Minhas palavras sinceras,  
Tu és peor do que as fêras,  
Que andam p'los campos a uivar!  
Já pensei em me tratar,  
Pra acabar com esta vida,  
Mas oh! esperança perdida,  
Eis que só penso no mal!  
Arrasto-me ao lodçal,  
N'este mar morto da vida!

N'um tropêl sou arrastado,  
P'los companheiros d'ergia,  
E, meu Deus! quem tal diria,  
Ai, quanto sou desgraçado!  
Enquanto fui enganado  
Meu coração socegou,  
Mas mal, que tudo findou,  
Foi sentida a minha dôr,  
Pois logo ao primeiro amor,  
Meu coração naufragou!...

Arigh.



## PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta

Vou fazer uma pergunta  
E perguntar não me custa,  
A razão porque se diz:  
E' p' á pá Santa Justa?

Zépedro.

Com que então foi necessario publicármos esta pergunta duas vezes para que os senhores *respondedores* se explicassem?...?

Até a nossa prima Laureana nos disse: — *Té faz incrível!*... Eu se tivesse andado na *educação dos estudos*, tinha *arrespondido* mais *primeiro* do que nin guem!

Mas tambem não ha fome que não dê em fartura! Depois da *piadinha* que largámos, recebemos mais de trinta *arrespostas* e vamos *prantar* aqui as mais *tellas* porque as outras, coitadas já lá estão na terra da verdade!

Eis as *bullezas* que escaparam ao grande morticínio.

Respostar

Com essa linda pergunta  
Não é você que me se usta,  
Pois coisa que *bate certo*  
E' p' á pá Santa Justa.

Pirulas

Com franqueza *sôr Zé Pedro*  
Quer resposta?... Ella aqui e tá:  
Foi a sarta que na mestra  
Não pasou do p' á pai!

Reporter.

O responder não me custa  
Pois sei porque se diz:  
E' p' á pá Santa Justa  
Ir pôr os pontos nos i!

Acharat.

Agora Lá vac mote

Os desgraçados magalas  
Andam fartos de feijão!

Glosem n'uma só glosa até quinta feira  
Atirem á feijoadá, seus glosos (queremos dizer,  
glosadores).



## A ESCOVA

Jorge de Saldanha, tenente de cavallaria, era um excellent official, delicado em tudo que tocava a sua pessoa, era activo e muito apreciado por os seus superiores, que frequentemente o encarregavam de missões que elle desempenhava ás mil maravilhas.

Ora uma tarde pela volta das seis horas o nosso tenente com a sua malla'na mão, chegava' depois de tres interminaveis horas de viagem a uma pequena villa onde devia passar alguns dias.

Dirigiu-se ao melhor hotel, pediu um quarto para se instalar e pôz em ordem a sua toilette. Havia grande feira no cis seguinte e tudo estava tomado.

Somente um quarto com dois leitos estava ainda livre, mas preveniram o tenente que n'esse mesmo dia chegava um viajante e que um d'esses leitos lhe estava reservado.

Pode ficar tranquillo, disse o dono do hotel, o seu camarada de quarto é um homem da melhor sociedade, filho de um grande proprietario da região e não terá que se queixar da sua visinhança.

— Em tempo de guerra não se limpam armas, concluiu o nosso tenente; e accetou.

Terminado o jantar, Jorge, deu uma volta pela villa e tendo que se levantar e do no dia seguinte, dirigiu-se para o hotel para desansar.

O hospedeiro apresentou-lhe o seu companheiro Jorge de Saldanha, depois de lhe diz r algumas palavras banaes, deitou-se e não tardou a adormecer, não sem ter preparado sobre a sua meza toilette o seu necessario de viagem, que deixou aberto.

Seriam umas cinco horas da manhã quando o nosso official ouviu rumor no quarto.

Era o seu visinho que se levantava.

Por descripção fugiu que dormia ainda, querendo dar-lhe tea po para se vestir.

O nosso homem, entretanto, depois de ter revistado muito bem a sua malla, parecia preocupado, mas de repente, evitando qualquer ruido tendo se assegurado que o seu companheiro dormia, porque Jorge fingia um sono profundo, aproximou-se do necessario, pegou na escova de dentes que elle continha, lavou-a cuidadosamente, serviu-se d'ella, e collocou-a no seu lugar. Depois terminou a sua toilette absolutamente satisfeito.

Jorge, admirado, não disse uma palavra, não fez um movimento; mas prometteu a si mesmo fazer sentir amargamente ao seu companheiro a sua sem-cerimonia. No dia seguinte por seu turno le vantou-se primeiro, fez muito barulho para estar certo de acordar o seu companheiro, lavou-se e de dois de terminar, pegou na escova de dentes escarrou-lhe em cima, deitou-lhe um pó branco que tinha com rido com esta intenção, e conscienciosamente poz-se a limpar as esporas.

O outro que seguia de soslaio o manejo do tenente e não podendo conter-se por mais tempo, tossiu ligeiramente para indicar que não dormia e depois de comprimentar, perguntou com interesse:

— O senhor vac talvez channar-me indiscreto, mas, essa escova serve-lhe habitualmente para esse serviço?

Sem perder o sangue frio, Jorge r'spondeu rindo, que nunca limpava os dentes par... não lhe estragar o esmalte e que a escova era unicamente destinada para as suas esporas. E sabiu deixando o companheiro desapontado e jurando, mas um pouco tarde, que nunca mais se serviria de escova de dentes para não estragar o esmalte.

Echo



## O NOSSO CORREIO

*Zé das Berças* — Então quando é que vem de lá casa coisa?...?

*Amigo de Justiça* — Ora K H lá n'isso... To... lo.

*Maduro* — Você está muito verde. Olé se está!

*Bichano* — Miau, miau, quando o gato miz, quer carapau...

*Amigo* — Naturalmente é dos taes... de Peniche.

Para cá não serve.

*Oderfla* — Você é que é *Casmurro* como burro o nós não estamos para o aturar.

CASMURRICES

Fazem favor de dizer o que significa um Casmurro?

Ser Casmurro é defeito, denota estupidez, é ser tapado?

Certamente que não. A prova está em que o *Casmurro*, jornal mais lido, e mais distinto de Lisboa, e pôde dizer-se, mesmo afoitamente, o mais reinado do paiz, tem por dirigentes as mais rijas intelligencias; por isso nós entendemos que não poderá haver mais felicidade, do que ser Casmurro, embora seja de quatro pés, e n'estes casos se encontra n'este momento, nas suas importantes propriedades, o Commendador-Conselheiro Antonio Joaquim; Commendador do anno passado, que foi elevado á alta cathedra de Conselheiro. Esta selecta ordem, muito esclarecida e nobilissima, fundada em remotas épocas com sede em Cacilhas, foi instituida para distinguir os mais ditinhos Casmurros que Deus nosso Senhor se lembra por rara excepção de deitar cá para este mundo.

O nosso caro Commendador-Conselheiro ainda está superior a tudo isto. E' o maior o mais grande Casmurro do seculo actual.

As suas *Casmurrices* são tantas que abrangem as sciencias, Artes, Letras, Industrias, etc.

Agora, onde a sua *Casmurrices* é mais forte, é na Geographia.

Muitos homens sabios, lamentam n'este momento, de a Russia e o Japão, não terem aproveitado aquella *Casmurra* intelligencia para dirigir os movimentos das suas esquadras. Que necessidade tinha a Russia de perder? Se tive-se a seu lado o nosso Conselheiro, então seus amigos, o Japão ia a vella para Odessa.

Mas o melhor de tudo, e para provar a que ponto chega a *Casmurrices* do nosso Commendador, alem do phisico *Casmurral*, é filho da *Cabeça do Casmurro*, numa pequena povoação perto de Ferreira do Zezere.

Já viram nome mais suggestivo?  
Ora com franqueza, o Commendador na *Cabeça do Casmurro*, certamente, não é nenhum dos tres que estão á direita do cabeçalho d'este semanario; mas sim o da esquerda....

J. M. F.

NO CASMURRO

A Dona Brites *Alcoute*,  
Que é prima do *Zé Bandurro*,  
Pensa de dia e de noite  
No *Casmurro*!

Lê as quadras do *La Dorna*,  
Sem fazer grande susuro,  
E os sonetos do *Agua Morna*  
No *Casmurro*.

Horas esquecidas leva  
A rir, a rir, como *Burro*,  
Das versos do *D. Ralleca*  
No *Casmurro*!

Outro dia conversando,  
Disse ao *Mancas Zaburro*:  
—Gosta da prosa do *Orlando*  
No *Casmurro*.

Té já faz grande questão  
E deu na Maria um murro!  
Por não ver o *Mazagão*  
No *Casmurro*!

E ninguém d'ella se acerque,  
Que é qual boi que sae do curro,  
Se não encontra *Albuquerque*  
No *Casmurro*!

Hontem ao mano *Kimquim*  
Disse uma palavra em *ursu*  
Vendo *Arigh e Singóim*  
No *Casmurro*.

Da leitura logo pára,  
A coisa cheira-lhe a esturro,  
Abre a bocca, faz má pára,  
Se acaso vê no *Casmurro*.

Rei Sagára.

Adega de Santo Antão

Ainda não foram á R. de Santo Antão, 22 visitar o nosso amigo Eduardo Queiroz?  
Se não foram, não, pois com razão dirão que o esmerado serviço de copa (e de copo) é de primicerissima ordem.  
Olé se é!



THEATRICES

AOS AMADORES

Havia um outro genero de scenarios muito peculiar da antiguidade, que consistia em umas decorações triangulares que giravam n'um eixo, como hoje se fazem as portas falsas, e que cada uma das suas faces representavam um quadro differente.

Para as peças tragicas, mostrava-se a face que representava palacios ou templos; para as peças comicas casas ou praças publicas e para satyricas, quer dizer, aquellas em que os actores representavam satyras, a face que representava payagens, p'uhacos ou o mar.

As mulheres na grecia não representavam. A necessidade em que se viam os actores de fazerem papeis de differente idade e sexo, obrigou a usar disfarces de diversas formas.

Echylo estabeleceu o uso de carças ou caretas espantosas, quando se representou a sua peça *Euméides*.

Havia mascarar de todos os generos e especies; para os seres fabulosos, como Satyricos ou os Cyclopes; e para as scenas de costumes, caretas e disfarces var os, como cread s, cozinheiros, etc.

Todos estes disfarces symbolizavam o papel que se representava; assim, as *Euméides* tinham serpentes na cabeça por cabelleiras.

Aeteo tinha cornos de cervo, Argos os com olhos, etc.

Fóra d'isto havia disfarces individuais, representando o retrato de uma personagem determinada.

Assim foi, que quando Aristophanes pôz em scena as *Nubes*, peça escripta contra Socrates, cobriu o seu rosto com uma caraça do philosopho, o qual estando a assistir a esta representação, não se melindrou com isso e até se levantou do seu logar, indo postar-se junto ao palco, para que o publico julgasse da semelhança.

Os theatros não tinham tecto, de maneira que não era possível, como hoje, fazer descer divindades; ou qualquer mutação.

Tão pouco o mecanismo estava adeantado. Uma especie d'alçapão servia para apparecerem divindades marinhas, ou monstros infernaes. Outras machinas muito especies, serviam para imitar o raio que Jupiter lança do alto do Olympo; outras cheias de pedras que passavam sobre chapas de bronze produzindo grande ruido, eram para annunciar a appareição dos deuses.

Espartaco.

— Brevemente realisa a sua festa o silhoentista portuguez Ricardo Baptista.

DIALOGO

No salão do theatro encontram-se o sr. *Ximenes Borratudo*, amador dramatico, com o empresario o sr. *Caloterio*.

**Amador** — Como está v. ex.?  
**Empreziario** — Bem obrigado. O que deseja?  
**Amador** — Eu? Desejo entrar para a companhia.  
**Empreziario** — Da electricidade?  
**Amador** — Não senhor. Para a companhia dramatica de que v. ex. é empreziario.  
**Empreziario** — Ah! sim?...  
**Amador** — Desejo ser actor.  
**Empreziario** — Em que genero trabalha o meu amigo?  
**Amador** — Sou generico.  
**Empreziario** — Bravo! Bravo!  
**Amador** (*curva se agradecendo*) — Muito obrigado.  
**Empreziario** — Então meu amigo sente-se com forças de desempenhar um papel importante?  
**Amador** (*enthusiasmado*) — Oh! eu n'esse sentido sou um hercules!  
**Empreziario** — Então isso é com o sr. Santos Junier no Colyseu dos Recreios. Não quero cá quem me possa escangalhar o theatro.  
**Amador** — Mas eu não escangalho... eu represento.  
**Empreziario** — E quanto deseja de ordenado?

**Amador** — Ordenado?! não necessito. A manã e o papá é quem me sustentam, me vestem, me caçam... etc. etc.  
**Empreziario** (*tambendo os beijos por contar com um grande artista de borla*) — Bem! Bem!  
**Amador** (*como tendo uma ideia*) — Quando é que v. ex. faz annos?

**Empreziario** (*rapido, mentindo descoradamente*) — Amanhã ás dez horas.

**Amador** (*pensando*) — Pespego-lhe com meia dúzia de garrafas de vinho do Porto e d'aqui a dois ou tres dias estou escripturado e verei o meu nome no cartaz em letra gorda.

**Empreziario** — Pois cavalheiro desde já conto com o meu amigo. Vae ser escripturado.

**Amador** (*radiante*) — Obrigado sr. Caloterio obrigado. Dé-me as suas ordens. Olhe que eu sou um grande artista...

**Empreziario** (*aparte*) — Tambem eu... (*despedem se*)

D. M.



ANNUNCIOS DE BORLA

Liga

Cavalheiro de probidade achou uma que está prompto a entregar á dama que lhe provar pertencer.

Alviçaras

Dão-se a quem encontrar um pho phero que accenda. Carta a Baro E'icopa Nhia.

Gratificações

Dão-se a todas as pessoas que ferrem cães aos agiotas. Carta á letra Zero.

Caixaio

Offerece-se para tabaciar. Está habilitado a fumar charutos *La Casa* por conta dos patrões.

Confidencial

Sujeito de probidade deseja encontrar pessoa que lhe empreste religio e corrente de ouro para ir tirar o retrato, visto que só o tirou no Governo Civil.

Guarda-se o maior sigillo.

Senhora

Offerece-se para praticante de escriptorio. Tem muito saber e a letra muito miudinha.

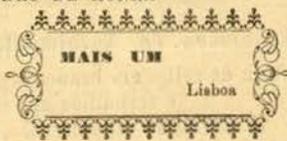
Parteira

Dá consultas só para homens, desde as 8 da noite ás 10 da manhã. R. da Atalaya 55, loja.



MATUTAÇÃO

QUADRO DE HONRA



Decifrações do n.º 18

*Charadas em phrase*: Tabaqueira, biographia, dauida, Maricas, candieiro, chimpanzé, Artemisa, tapioca, poesia, Mealhada, andaluz, ovario, mononía, perfumaria, Hugonotes, processo, operario, ventarola, cabelo, kilometro, Leonel, trovador, capcho.

*Em verso*: Regedor, tentadores.  
*Acrosticos*: Chani Fozqui, Zézé, El-Saldanbita, Grigri, Galucho do 15, Gaiyota, Stasaver, Matuto, Varino, Ronha, Olegna, Odidnac, Makarof, Dulcinea, Cunegundes, D. Beltrão, Dois teimosos Zé-pio, La Dorna, Camillo, Alejoal, Fosquinhas, Amadeu, Otsugua, Zarelho, Faleiro, Reporter, Ali-Pio, Cosme, Rullautlio, Coca Bichinhos, Bibi, Surpresa, Arigh, Lsdnora, Ooardep, Borgesso, Zé Si-pol, Fei Burlario, D. Gusmindo, Asar, Rei Sígara, Maricas, Adrião, Dogma, Mariquinhas, Namora, Luar Soirac—Fernando, Pedro, Diniz, Sebastião, Afonso, Miguel, Manuel, Carlos, João.  
*Typographicos*: Serpente, Alemanha.  
*Moçada*: Pedro Cabral.  
*Logographo*: Antonio Alminhas.

Decifreadores

**Mais um** (31), Cunegundes (30), Sottam (29) Cosme (29), Otnipalliv (28), Gusmindo, (28), Dogma (27), Matuto (27), Mariquinhas (26), Nilknarf (25), Reporter (22), Serefe (22), Olegna (21), Os curris (21), Borgesso (20), Zarelho & Zana (17), Mocar (17), Fiara (14), Cortador (16), 2 Piretes (10), Zézé (9).

—  
D'esta vez não publicamos MATUTAÇÃO. Entretenham-se com o numero especial, que já não é pouco. No proximo numero daremos as decifrações do nosso original brinde, que tanto successo tem causado entre os charadistas portuguezes.

Joaquim Domingos de Oliveira  
COM  
**ARMAZEM DE VIDROS**

Christaes, vidraças, louças, jarras, candieiros e outros objectos.

Vende vidros para carruagens e armações de lojas e manda pôr vidros em caixilhos.

Vende por atacado e a retalho

46 - Rua de S. Paulo - 48

(Proximo ao Arco Grande)  
**JOSÉ VICENTE D'OLIVEIRA & C.<sup>a</sup>**  
RIO SECCO = 26

Antigos fornos de cal e matto.  
Cal em pó e em pedra para estuques. Cascalho, morraça, granito para betonilha, etc.

**JAZIGOS**

Subterraneos e de capella de 200.000 réis para cima ha feitos e fazem-se a prompto e a prestações, para Lisboa e provincias; urnas para ossadas e adultos; Christos e castiças em marmore, etc.

10 - Rua da Assumpção - 12

**JORGE A. DA CRUZ**

**JOSE MOREIRA RATO E F.<sup>os</sup>**

**OFFICINA de cantaria e esculptura**

Depositarios de todos os productos ceramicos da

**FABRICA DE PALENÇA**

31. Trav. do Corpo Santo, 33  
1, R. Nova do Carvalho, 5  
Deposito de materias para construcção  
**R. 24 DE JUHO**  
(Proximo ao quartel dos maribeiros)

**Francisco do Nascimento**

Latoaria de folha em branco e trabalhos em zinco  
37, Estrada de Campolide, 38

**FABRICA NACIONAL**

DE

**Papeis pintados, couchés e de luxo**

25. Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27  
DEPOSITO

102, Rua Nova do Almada, 104  
Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, oleados, tapetes, moveis e estofos  
**José Miguel dos Santos em Commandita**  
SUCESSORES DE CALLADO & C.<sup>a</sup>  
Telephone, 603 Telephone da fabrica, 878

**Antonio da Luz Sousa Leal**

Latoeiro de folha branca

Empreiteiro da Companhia do Gaz, encarregase de canalisação de agua ou gaz. Encarrega se por empreitada ou jornal de todos os trabalhos pertencentes á sua arte, quer em zinco, chumbo ou ferro galvanizado.

Rua de S. Marçal, 47

**LYRA CARVALHO & C.<sup>a</sup>**

Commissões e consignações

Cimentos nacionaes e estrangeiros, ladrilhos, azulejos, mosaicos em todos os padrões e differentes outros materias de construcção.

Unicos importadores do bem conhecido cimento marca **EELPHANTE**.  
**CHIADO, 110 2**  
Telephone n.º 699

**MANOEL JOÃO DA COSTA DOURADOR**

141, RUA DO SALITRE, 143 - LISBOA

Encarrega-se de dourados e pinturas em igrejas, salas e theatros, mobilias e molduras em todos os generos, imagens, adreses e ornamentações em cartão, pasta etc. concertam-se louças de todas as qualidades com a maxima perfeição.

**«A PARODIA»**

Vende-se a collecção completa. Nesta redacção se diz.

**ANTIGA DROGARIA**

DE

**A. Carvalho J.<sup>on</sup>**

SUCCESSOR

**JOSÉ HENRIQUES**

33 - Praça das Flores - 33  
**LISBOA**

Oleos, tintas, vernizes, gessos, cimento, enxofre e tudo mais inherente ao seu commercio.  
Preços limitadissimos e para revender



**EMPRESA FABRIL**

**Augusto Prestes & C.<sup>a</sup>**

SUCCESSOR

Fornecedores de Suas Magestades e das repartições publicas, fabricantes e importadores, empreiteiros de canalizações. Officinas mechanicas de serralheria, torneiros, marceneiros, nikelagem e bronzeador. Fundição de metaes.

23 a 41, Rua do Instituto Industrial

ESCRITORIO E ARMAZEM

38, 40, Rua da Boa Vista, 42, 44

Telephone n.º 498 - Endereço telegraphico, NIKEL.

**ERNESTO EDUARDO COTRIM**

COM OFFICINA DE

**SERRALHEIRO E TORNEIRO**

13, Rua dos Industriales, 15

(A' rua de D. Carlos I)

Encarrega-se de todos os trabalhos mechanicos, civis e agricolas. Grande variedade de desenhos em ferro laminado e fundido, para gradeamentos, corrimões, grades para escadas, portões, clarraboias, estufas, etc., tambem construe todas as ferramentas para fabricas de conservas e officinas de funileiro. Satisfaz todas as encomendas para Lisboa, Africa e Brazil, com a maior perfeição a preços reduzidos.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS NACIONAES E ESTRANGEIRAS**

DA

**Viuva Thiago da Silva & C.<sup>a</sup>**

94, Praça de D. Pedro, 95

Officinas de serralheria e de dourador e bronzeador de metaes - Premiado na Exposição Industrial Portuguesa de 1893 com a medalha de grande merito e menção honrosa - Grande sortimento de talheres com cabo d'ebano, metal branco e cristofle, canivetes, thesouras, bandejas, servicos para chá e café em metal branco e cristofle e outros artigos para uso domestico. Executam-se trabalhos para grandes e pequenas construcções com variadissimo sortimento de artigos de ornamentação em todos os generos e estylos. Exposição permanente.

ESCRITORIO E DEPOSITO

Rua das Portas de Santo Antão

**CASIMIRO JOSÉ SABIDO & IRMÃO**

Estrada de Campolide, 161

Fornos de cal a matto e a carvão. Cal em pedra para estuques e embarques materias de construcção. Alvenarias, vidraço, granito e areia da terra e do Alentejo.

Fabrica de Productos Ceramicos no novo Bairro de Campolide.

**Flores de primavera**

ESSENCIA PARA LENÇO

Esta maravilhosa essencia, extrahida de flores e das plantas mais raras e odoriferas, tem causado o assombro dos mais notaveis perfumistas estrangeiros que em vão tentam penetrar o segredo da sua composição. O seu aroma finissimo, suave e penetrante, jámais se extingue e constitue o perfume, hoje em moda, mais proprio para lenço; o mais agradável e delicioso que se conhece. Por isso, e com justa razão se diz que o *Rei dos perfumes a Rainha das essencias* são as **Flores de Primavera** só se vende em lindos frascos.

**PÓ DE ARROZ**

**Veloutine «Flores de Primavera»**  
Preparado especialmente com flores de arroz, não contem materias nocivas á pelle, imprimindo-lhe o frescor da mocidade. Amacia a cutis, dando-lhe a apparencia assestinada, deixando-lhe um aroma activo, agradável, duradouro e desfaz as rugas, sendo preferido por estas preciosas qualidades. Caixa 500. Ha essencias e Pó de arroz a peso, e uma linda collecção em estojos e porfumarías estrangeiras dos melhores fabricantes.

**PERFUMARIA DIAS**

Rua da Praça da Figueira, 39 e 40 - LISBOA

**ESTANCIA DE MADEIRAS**

DE

**Jacinto Soares**

**da Silva Pereira & C.<sup>a</sup>**

Rua da Boa Vista, 69

Arca do predio que foi de Ferreira Pinto com serventia para a R. Vinte e Quatro de Julho  
Telephone n.º 216

Sortimento de madeiras o mais completo que existe em Lisboa, para construcções civis e navaes e obras de marcenaria.  
Preços muito resumidos.

Grande deposito á Pampulha

**DEPOSITOS**

DE

**MATERIAES DE CONSTRUÇÃO**

De F. H. d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (Irmão)

628 - Rua 24 de Julho - 6.º 2

Numero telephonico, 128

Madeiras nacionaes e estrangeiras. Cantarias, lagodos e cascões. Fabricas de cal, ladrilhos, mosaicos, polvora e exploração de pedreiras no Casal do Alvito - Alcantara e Paço d'Arcos. Exportação para a Africa, Brazil e Ilhas. Escriptorio, Rua Vinte e Quatro de Julho, 632.

**ANTONIO JOSÉ MOREIRA**

COM

Officina de cantaria e estatuaria

Mausoleus, xadrezes e marmores nacionaes e estrangeiros para moveis, balcões e frentes de estabelecimentos.

16, Rua Victor Cordon, 18

Lagedos e cantarias para todas as construcções, tubos de grés, cimentos de Portland, pozzolana dos Açores.

DEPOSITO

Rua 24 de Julho (á Ribeira Nova)

Basalto para calçadas, pedra para cal, telha e tijolo.

Deposito em Paço d'Arcos

**PAPELARIA PALHARES**

**TYPOGRAPHIA-LITHOGRAPHIA**

Grande sortimento de artigos para escriptorio, engenharia, architectura e desenho

Fornecedores das principaes repartições do Estado

141, RUA DO OURO, 143